



DIPLOMACIA

Xi e Putin ensaiam aliança estratégica

Em visita a Pequim, presidentes da Rússia e da China destacam cooperação intensa, prometem ampliar os laços militares e citam a cooperação como fator de estabilidade no cenário internacional

» RODRIGO CRAVEIRO

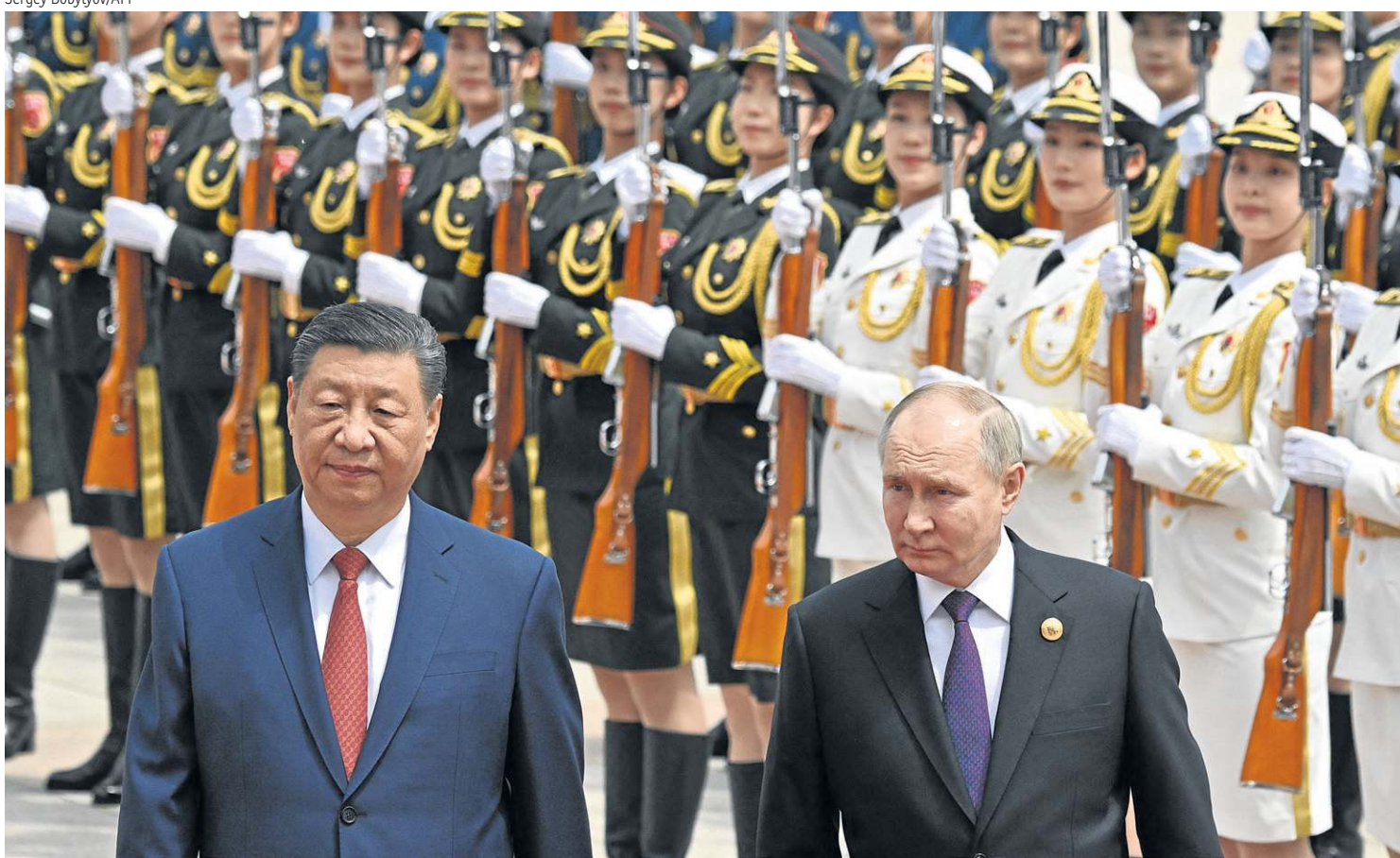
Não faltaram elogios: “velhos amigos”, “irmãos para sempre” e “parceiros”. Enquanto seus soldados tentam avançar no leste da Ucrânia, abrindo nova frente na guerra, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, desembarcou em Pequim sob afagos de Xi Jinping, na segunda viagem à China em 18 meses. A relação com Xi é quase simbiótica: sufocada pelas sanções impostas pelo Ocidente, Moscou precisa do aliado econômico e do apoio à ação militar na Ucrânia; Pequim quer importar energia barata da Rússia, além de um aval a qualquer ataque a Taiwan. Os dois líderes anunciaram um fortalecimento dos laços militares, com a realização de ensaios bélicos conjuntos.

Xi garantiu que a relação entre Pequim e Moscou “não é apenas de interesse fundamental para os dois países e os dois povos, mas igualmente propícia à paz”. “A relação entre China e Rússia foi conquistada com esforço. As duas partes devem apreciá-la e cultivá-la”, insistiu. “Nossa cooperação nos temas internacionais é um dos fatores de estabilidade no cenário internacional”, disse, por sua vez, Putin. O chefe do Kremlin agradeceu ao anfitrião por suas iniciativas de paz no conflito ucraniano.

O fato de Xi ter recebido Putin, em Pequim, foi visto com reservas por Washington. A China não pode jogar dos dois lados, disse o porta-voz do Departamento de Estado americano, Vedant Patel. “Não pode ter as duas coisas e querer ter melhores relações com a Europa e outros países, enquanto segue alimentando a maior ameaça à segurança europeia em muito tempo”, complementou, referindo-se ao ataque à Ucrânia. “O apoio da China à indústria de defesa russa coloca em risco a segurança da Europa”, advertiu.

Elizabeth A. Wishnick, pesquisadora do Instituto Weatherhead para o Leste Asiático da Universidade Columbia, afirmou ao **Correio** que Xi e Putin prometeram o fortalecimento dos laços militares, mas não detalharam nenhum novo aspecto da cooperação em defesa. “Foi uma resposta retórica à pressão sobre a China para deixar

Sergey Bobilyov/AFP



Xi e Putin participam da cerimônia de boas-vindas ao líder russo em frente ao Grande Salão do Povo, na Praça da Paz Celestial, em Pequim

Eu acho...



Natasha Kuhrt, especialista em segurança e paz internacional pelo King's College London

"A China vê a guerra na Ucrânia como uma 'guerra por procuração' contra o Ocidente. Se os Estados Unidos estão distraídos com a Ucrânia, isso é uma boa notícia para a China em relação a Taiwan. A Rússia tem ajudado a China, ao intimidar o Japão e a Coreia do Sul com patrulhas conjuntas de bombardeiros."



Carol R. Saivetz, consultora sênior do Programa de Estudos de Segurança do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)

"Não está claro o que significa o fortalecimento dos laços militares. Ambos países têm um histórico de exercícios militares conjuntos. A China arriscaria vender armas? E o que nós ou os europeus vamos fazer? Xi, aparentemente, recebeu uma bronca da Europa na semana passada. Ele quer revitalizar sua economia."

de apoiar a guerra da Rússia na Ucrânia, além de uma esforço, pelo presidente Putin, para mostrar que ainda conta com aliados importantes”, observou.

Segundo Wishnick, não está claro como o Kremlin expandirá os exercícios militares com a China, no momento em que a maior parte dos equipamentos russos está mobilizada na Ucrânia. “O recente desfile da vitória do Exército Vermelho sobre os nazistas, em Moscou, mostrou apenas um tanque da Segunda

Guerra Mundial. “Até agora não houve novos anúncios de vendas de armas russas para a China ou atualizações sobre os seus planos de coprodução”, lembrou.

Wishnick explicou que a China deseja ser ator na geopolítica global. Ela vê o alerta do Departamento de Estado norte-americano como uma lembrança à China de que o protagonismo está associado à responsabilidade para apoiar uma ordem baseada em regras. “Curiosamente, na declaração conjunta sino-russa

assinada hoje (ontem), a ‘ordem baseada em regras’ aparece como algo negativo.”

A professora da Universidade Columbia avaliou que, mesmo depois de terem sido reeleitos, Xi e Putin estão muito preocupados com a sobrevivência política. “Os dois buscam apoio político um do outro para as suas ambições autoritárias a nível interno.”

Especialista em segurança e paz internacional pelo King's College London, Natasha Kuhrt disse ao **Correio** que Xi e Putin

têm discutido a cooperação militar há um tempo. “Como não existe uma aliança formal, não há uma interoperabilidade. No entanto, a China continuará a fornecer à Rússia a tecnologia de dupla utilização”, afirmou, ao citar um termo usado para denotar bens que podem ser utilizados para fins pacíficos ou militares. “De certa forma, tem sido um eixo anti-EUA, mas a China ainda está inserida na economia mundial de uma maneira que a Rússia não tem sido tão cuidadosa.”

Carol R. Saivetz, consultora do Programa de Estudos de Segurança do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), comentou que Rússia e China mantêm interesses comuns na oposição à ordem internacional liberal comandada pelos EUA. “A guerra da Ucrânia impulsionou ambas para mais perto. A Rússia precisa desesperadamente da tecnologia de dupla utilização da China. Além disso, a China compra enormes quantidades de energia russa — embora a preços reduzidos. Até agora, Pequim não vendeu armas para Moscou”, disse ao **Correio**.

ATENTADO NA ESLOVÁQUIA

Em estado grave, premiê retoma capacidade de fala

O primeiro-ministro da Eslováquia, Robert Fico, atingido por cinco tiros na última quarta-feira, “já consegue falar”, embora seu estado continue muito crítico. A informação foi divulgada pelo presidente eleito Peter Pellegrini, que solicitou a “suspensão” da campanha para as eleições europeias de junho no país. “Ele consegue falar, mas apenas algumas frases”, disse Pellegrini aos repórteres do lado de fora do hospital em Banská Bystrica, no centro do país, onde Fico está sob tratamento. “Ele está muito, muito cansado. A situação continua muito crítica”, explicou, acrescentando que “horas e dias extremamente difíceis esperam pelo primeiro-ministro”.

Os cirurgias passaram várias horas na sala de cirurgia durante a noite, lutando para salvar o líder de 59 anos, vítima de um atentado que



foi condenado em todo o mundo. O agressor, um homem de 71 anos que os meios de comunicação eslovacos identificaram como escritor, foi acusado de “tentativa de

homicídio premeditado”, anunciou o ministro do Interior, Matus Sutaj Estok, que relacionou o ataque a “motivações políticas”. Segundo ele, trata-se de um “lobo

O presidente eleito Peter Pellegrini fala à imprensa, diante do hospital, em Banská Bystrica: “A situação continua muito crítica”

solitário”, que decidiu agir por estar insatisfeito com os resultados das eleições presidenciais realizadas em abril, que deram a vitória a Pellegrini, aliado de longa data de Fico.

Diante das tensões na classe política, o presidente eleito apelou aos partidos para “suspenderem temporariamente” a campanha para as eleições europeias, marcadas para 8 de junho. “Neste momento, a Eslováquia não precisa de mais confrontos”, disse Pellegrini, que tomará posse em junho nesse país da Europa Central, dividido entre apoiadores de um governo pró-Kremlin e defensores da oposição a favor do Ocidente.

O primeiro-ministro Robert Fico foi baleado várias vezes na tarde de quarta-feira, ao fim de uma reunião de gabinete em Handlová, no centro da Eslováquia. Ontem, ele se encontrava em estado “verdadeiramente muito grave” devido a “lesões múltiplas”, disse a diretora do hospital Roosevelt, em Banská Bystrica.

O ataque causou comoção no país. Especialistas apontaram que o incidente poderia acentuar a “radicalização” da classe política. “Temo que esse ataque não seja o último e que, em um futuro próximo, seja a vez de os membros da oposição serem alvejados”, disse o cientista político Miroslav Radek.

EUTANÁSIA

X/Reprodução



Zoraya Ter Beek, 29 anos: “Tenho um pouco de medo de morrer”

Holandesa com depressão recebe direito de morrer

Nas fotos da capa e do perfil da rede social X, Zoraya Ter Beek transparece desânimo. Tem os olhos distantes, o semblante cansado. “Queridos seguidores, estou de volta aqui. Sem conselhos ‘médicos’ ou ‘divinos’”, escreveu a mulher de 29 anos, que mora no vilarejo de Oldenzaal, no leste da Holanda. “Estarei aqui por alguns dias”, acrescentou. Ao escrever isso, Zoraya provavelmente se referiu à própria vida. Ela acaba de receber a aprovação das autoridades do país para se submeter à eutanásia, ainda que seja fisicamente saudável.

Foi o fim de uma batalha legal de três anos e meio. A jovem espera ter a companhia do namorado, de 40 anos, e dos dois gatos quando receber um sedativo, seguido por um medicamento que fará o coração parar de funcionar. Ainda criança, foi diagnosticada com autismo, depressão crônica, ansiedade, trauma e transtorno de personalidade.

“Sinto alívio. Tem sido uma luta muito longa”, desabafou Zoraya ao site The Free Press. Ela tem os planos para os minutos seguintes de sua morte: espera ser cremada. “Não quero sobrecarregar o meu parceiro com a tarefa de manter o túmulo arrumado. Ainda não escolhemos uma urna, mas ela será a minha nova casa”, afirmou. O sonho de exercer a carreira de psiquiatra foi anulado pelas doenças, que a impediram de estudar. Foi justamente de uma psiquiatra que veio o choque de realidade. “Não há nada mais que possamos fazer por você. Você nunca vai ter nenhuma melhora”, disse-lhe a profissional.

De acordo com o The Free Press, assim que o coração de Zoraya deixar de bater, um comitê de especialistas em eutanásia constatará a morte e avaliará se a jovem recebeu os cuidados adequados. Depois, o governo da Holanda emitirá uma declaração alegando que a vida da holandesa foi encerrada legalmente, um procedimento que busca proteger de responsabilidade penal os facilitadores da morte assistida. O **Correio** tentou entrar em contato com Zoraya, por meio do X, mas não teve resposta, até o fechamento desta edição.

Em entrevista ao tabloide *The Guardian*, ela reconheceu a polêmica provocada por sua batalha para morrer. “As pessoas pensam que, por ter uma doença mental, não consigo raciocinar, o que é um insulto. Eu entendo os medos que algumas pessoas com deficiência têm sobre a morte assistida e entendo as preocupações sobre pessoas serem pressionadas a morrer. Na Holanda, temos a Lei da Eutanásia há mais de 20 anos, existem regras rigorosas”, comentou. O pedido de eutanásia foi feito em dezembro de 2020. “Tenho um pouco de medo de morrer, pois é o máximo do desconhecido”, disse ao The Free Press. (RC)